

FINANCEIRIZAÇÃO HABITACIONAL E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL: A PRODUÇÃO E O CONSUMO DOS ESPAÇOS DE MORADIA NA CIDADE DE ANANINDEUA/PARÁ

Izabel Nahum Dias ¹

RESUMO

O processo de financeirização impulsionado pela globalização provoca mudanças espaciais e sociais em diferentes escalas. Na cidade de Ananindeua, localizada na região metropolitana de Belém do Pará, o consumo da moradia financeirizada é impulsionado pela dinâmica metropolitana ao qual a cidade está inserida, contribuindo para a produção fragmentada do espaço. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo analisar como a financeirização da habitação contribui para a fragmentação socioespacial através da produção dos espaços de moradia na cidade de Ananindeua/PA, a partir dos anos 2000. Os procedimentos metodológicos adotados consistem principalmente na análise bibliográfica e documental, levantamento de dados, além de trabalhos de campo e entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontam que existem eixos de expansão dos empreendimentos na cidade que se consolidam com base em diferentes práticas espaciais, essas práticas estão inicialmente atreladas a disponibilidades de fatores de comodidade locacional, e posteriormente a reservas de solo que aguardam processos de valorização. Além disso, ocorrem mudanças nos padrões espaciais que compunham o modelo centro/periferia, verificando-se uma lógica de fragmentação do espaço onde as diferentes classes sociais coexistem, mas permanecem distanciadas por elementos intrínsecos a dinâmica imobiliária.

Palavras-chave: Financeirização habitacional, fragmentação socioespacial, metropolização, Ananindeua.

RESUMEN

El proceso de financiarización impulsado por la globalización provoca cambios espaciales y sociales en diferentes escalas. En la ciudad de Ananindeua, ubicada en la región metropolitana de Belém do Pará, el consumo de vivienda financiarizada es impulsado por la dinámica metropolitana en la que está inserta la ciudad, contribuyendo a la producción fragmentada del espacio. Así, la presente investigación tiene como objetivo analizar cómo la financiarización de la vivienda contribuye a la fragmentación socioespacial a través de la producción de espacios habitacionales en la ciudad de Ananindeua/PA, a partir de la década de 2000. Los procedimientos metodológicos adoptados consisten principalmente en análisis bibliográfico y documentación, recolección de datos, además de trabajo de campo y entrevistas semiestruturadas. Los resultados indican que existen ejes de expansión de proyectos en la ciudad que se consolidan a partir de diferentes prácticas espaciales, estas prácticas están vinculadas inicialmente a la disponibilidad de factores de conveniencia ubicacional, y posteriormente a reservas de suelo que esperan procesos de valorización. Además, se producen cambios en los patrones espaciales que conformaron el modelo centro/periferia, verificando una lógica de fragmentación del espacio donde conviven diferentes clases sociales, pero permanecen distanciadas por elementos intrínsecos a la dinámica inmobiliaria.

Palabras clave: Financiación de la vivienda, fragmentación socioespacial, metropolización, Ananindeua.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará - UFPA, izabelnahumdias@email.com

INTRODUÇÃO

O processo de financeirização pode ser considerado como “uma manifestação empírica da globalização talvez a mais evidente hoje, que autorizou a falar de capitalismo financeiro, de momento financeiro do modo de produção, e mundialização financeira” (Silveira, 2017, p. 373). Para Chesnais (2016), a financeirização não significa somente o aumento da riqueza em circulação no meio financeiro, mas sim um longo processo histórico de transformação do capitalismo que contribui para à disseminação profunda e geral das características do capital portador de juros pelo mundo.

Segundo Mariana Fix (2011), um dos setores brasileiros que recebeu maior incidência da mundialização financeira foi o circuito imobiliário. Todavia, (Fix, 2011) e (Klink; Denaldi, 2014), concordam que a financeirização do circuito imobiliário no Brasil ocorreu de modo diferente em relação, por exemplo, ao modelo Americano, marcado pela crise do subprime ocorrida em 2008². Dessa forma, a financeirização brasileira, que “sempre dependeu da intervenção territorial contraditória de um Estado desenvolvimentista (...)” (Klink; Denaldi, 2014, p. 221, tradução nossa)³ necessita de compreensão mais específica.

A financeirização se manifesta em diferentes escalas e em diferentes segmentos socioespaciais. No que tange ao espaço urbano, pode ser interpretada como um “rearranjo escalar que articula, as escalas global e local no cerne do processo de urbanização, com todas as tensões e contradições que esse processo engendra” (Sanfelice, 2013, p. 43). Dessa forma, é justamente na escala local, no âmbito do cotidiano, que conseguimos perceber os impactos e mudanças provocadas pela dinâmica financeira sobre o espaço e a sociedade.

Por sua vez, na escala Amazônica, o processo de metropolização do espaço belenense, no início do século XXI, provocou transformações nas formas-conteúdo do referido espaço metropolitano, contribuindo para o avanço de novos agentes econômico-imobiliários, e para a (re)produção de diferenciações, desigualdades e da fragmentação socioespacial (Sposito; Góes, 2013).

Assim sendo, a presente pesquisa tem como objetivo analisar como a financeirização da habitação contribui para a fragmentação socioespacial através da produção dos espaços de

² Sobre esta temática é recomendada a leitura da tese da autora Mariana Fix: FIX, Mariana de Azevedo Barreto. Financeirização e transformações recentes no circuito imobiliário no Brasil. Campinas/SP, 2011.

³ “Brazilian financialization has been truncated in the sense that it has always depended on the contradictory territorial intervention of a developmental state (...)”(Klink; Denaldi, 2014, p. 221)

moradia na cidade de Ananindeua, Amazônia metropolitana paraense. O recorte temporal estabelecido para análise inicia-se nos anos 2000, pois é a partir desta década que as operações de crédito imobiliário realizadas pelo Sistema Financeiro Imobiliário (SFI), fundado em 1997, começam a apresentar resultados mais significativos sobre o território brasileiro. Além disso, também é nesta década que o Sistema Financeiro Habitacional (SFH) volta a ter destaque através dos empreendimentos de habitação popular tal como o Minha Casa Minha Vida.

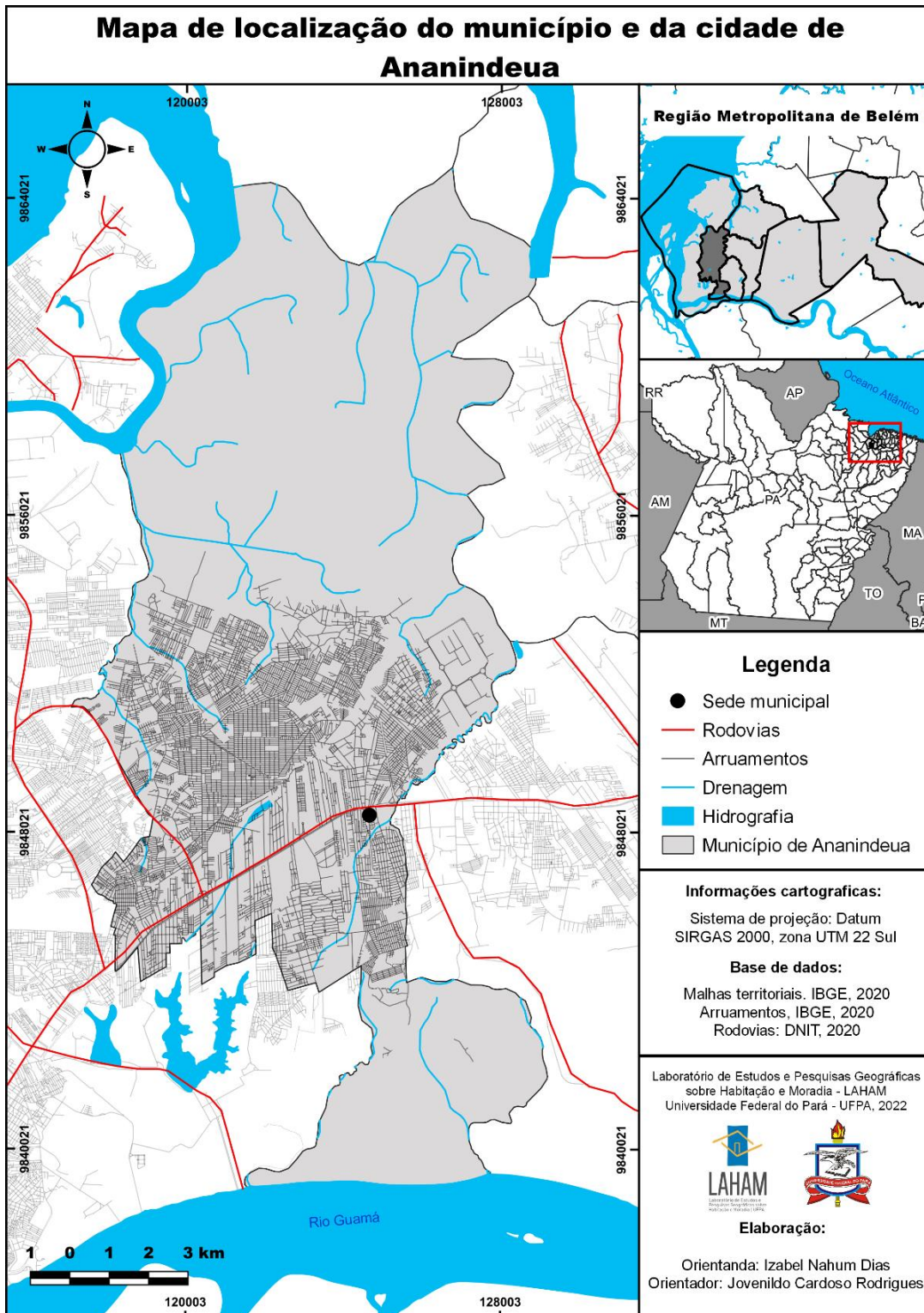
O recorte espacial da pesquisa compreende a cidade de Ananindeua (Mapa 1), área conurbada com Belém e que faz parte da sua região metropolitana. Em 2021, segundo as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do município somava cerca de 540.410 habitantes, sendo 99,76% desse quantitativo residente da área urbana.

Nesse contexto de proximidade com a capital paraense, Ananindeua acaba sendo afetada pelos processos de expansão metropolitana e reestruturação urbana, que permitiram a expansão de diferentes empreendimentos sobre o espaço da cidade e contribuem para transformações de natureza demográfica, econômica, e socioespaciais, principalmente nas últimas duas décadas do século XXI.

Além disso, se faz importante analisar como tem se dado a produção da moradia na cidade de Ananindeua, que enquanto mercadoria, tem seu valor de troca intensificado em detrimento ao valor de uso (Carlos, 2007), suprimindo a ideia da moradia como um direito básico e tornando-a uma mercadoria, um objeto de consumo. Com isso, se faz necessário compreender como a terra urbana e as relações sociais são moldadas por esse processo, principalmente através da segregação socioespacial que se intensifica, revelando uma das dimensões da fragmentação socioespacial (Sposito; Sposito, 2020. p. 5).



Figura 1: Mapa de localização do município de Ananindeua/PA.



METODOLOGIA

O caminho teórico conceitual para o desenvolvimento da referida pesquisa tem como método de investigação, o materialismo histórico e dialético, também denominado de método dialético (Sposito, 2004). Tal escolha decorre da possibilidade de se analisar as contradições socioespaciais na/da (re)produção do espaço da cidade de Ananindeua. Desenvolve-se a análise quali-quantitativa, uma vez que segundo Minayo (2007) a relação entre o quantitativo e o qualitativo, entre objetividade e subjetividade, se complementam abrangendo a realidade das dinâmicas e das relações, possibilitando análises profundas e concretas dos fenômenos. Sendo assim, possibilita a realização de análises abrangentes e completas acerca dos processos de financeirização urbana e fragmentação socioespacial, uma vez que a cada procedimento realizado “o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa” (Minayo; Sanches, p. 247, 1993).

Desse modo, os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa consistem no levantamento bibliográfico realizado a partir dos repositórios institucionais das universidades brasileiras, em sites e periódicos, buscando livros, artigos científicos, dissertações e teses que abordem reflexões acerca dos conceitos centrais e norteadores estudados, quais sejam: produção do espaço, fragmentação socioespacial, financeirização urbana e habitacional, metropolização e produção/consumo dos espaços de moradia.

Através do levantamento documental buscou-se analisar os elementos de formação metropolitana da cidade, bem como as estratégias e ações da gestão pública no ordenamento territorial urbano metropolitano em Ananindeua, visando atender as demandas populares de moradia, infraestrutura urbana, e direito à cidade; além também de compreender como agentes de capital privado são beneficiados por essas ações. Para isso, foram analisados documentos como o Plano Plurianual de Ananindeua (PPA), Plano diretor, relatórios estaduais e municipais de investimentos e execução de obras e programas sociais, licitações, relatórios sobre habitação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e de outras instituições.

O levantamento de dados permitiu a análise quantitativa do conjunto de informações que se tem conhecimento sobre os investimentos de capitais, déficit de habitação, expansão de condomínios e outras intervenções e causas dos processos mencionados. Esses levantamentos são realizados através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), dos relatórios de déficit e inadequação habitacional da fundação João Pinheiro (FJP), Associação Brasileira

das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip), secretarias municipais de habitação, de saneamento, de infraestrutura e da Caixa Econômica Federal.

Ademais, foram realizados trabalhos de campo, observações sistemáticas e registros fotográficos, visando identificar os eixos de expansão desses empreendimentos, bem como analisar as particularidades da fragmentação socioespacial, as transformações espaciais ocorridas em Ananindeua e a materialização das desigualdades socioespaciais produzidas pela expansão do capital financeiro-imobiliário. Ainda dentro do caráter qualitativo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o objetivo de conhecer as narrativas e impressões dos diferentes agentes (moradores, comerciantes, agentes imobiliários, representantes públicos e de movimentos sociais) sobre as manifestações dos referidos processos que se consolidam na cidade e promovem mudanças aceleradas em sua forma e conteúdo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando a importância da abordagem teórico-conceitual para o desenvolvimento do tema proposto, optou-se por utilizar como autor guia para o debate acerca da financeirização, as ideias desenvolvidas pelo pesquisador David Harvey, que aborda a financeirização como componente da acumulação flexível do capitalismo global sobre as cidades (Harvey, 2005). Além disso, analisa o papel do sistema de crédito e os mecanismos que possibilitam a acumulação capitalista através das práticas neoliberais (Harvey, 2013).

Ademais, como o debate acerca da financeirização é muito amplo e compreende diversas escalas e processos, são mencionados autores que analisam a financeirização a partir de vertentes mais específicas. Dessa forma, Everaldo Melazzo e Joroen Klink realizam uma abordagem teórica ampla e analisam a financeirização a partir do urbano e também sob a perspectiva dos agentes fundiários, uma vez que o solo faz parte das racionalidades econômicas e financeiras onde se consolida o capital (Melazzo, 2013).

No contexto da financeirização, desta vez relacionada diretamente ao objeto principal da pesquisa que é a produção e consumo da moradia, trazemos a abordagem da professora Raquel Rolnik que afirma que a “mercantilização da moradia, bem como o uso crescente da habitação como um ativo integrado a um mercado financeiro globalizado, afetou profundamente o exercício do direito à moradia adequada pelo mundo” (Rolnik, 2015, p.35).

A complementariedade das ideias propostas pelos autores já citados, em consonância com as pesquisas de (Sanfelici, 2013) e (Fix; Paulani, 2019) nos permite entender que referindo-se ao ambiente urbano, “o mercado imobiliário é o lugar econômico da valorização de capitais



que agem sobre a cidade e seus objetos na busca permanente e crescente de sua valorização” (Melazzo, 2013, p.34). Dessa forma, as finanças interferiram nas políticas habitacionais, tornando a habitação uma fronteira da financeirização urbana e da aplicação de capitais públicos e privados (Rolnik, 2015).

Por conseguinte, buscando entender as consequências do processo de financeirização sobre o espaço, entendemos que processos tal qual a segmentação, segregação e fragmentação do espaço “(...) são alguns dos mais importantes processos de diferenciação do espaço urbano periférico, não se tratando de processos divergentes, mas complementares” (Santos, 2021, p. 466). Todavia, a fragmentação envolve um contexto mais amplo que abarca os demais processos.

Dessa forma, Sposito e Sposito (2020), classificam a fragmentação socioespacial como um conceito polissêmico e multiescalar; polissêmico pois a ele se atribuem muitos conteúdos, sendo adotado para tratar de processos contemporâneos de diferentes matizes, dentre eles, as mudanças nas formas de estruturação espacial da cidade. Já a polissemia do conceito está associada ao fato de que ele se refere a múltiplas dimensões, visto que pode ser abordado a partir de várias naturezas de diferenças e formas de separação no espaço (Sposito; Sposito, 2020).

A abordagem teórica acerca do processo de fragmentação socioespacial se baseia primordialmente nas reflexões da autora Maria Encarnação Beltrão Sposito, que apresenta debates profundos e significativos sobre a fragmentação socioespacial relacionada a produção e consumo da moradia, influenciando diversos outros pesquisadores, como Alejandro Morcuende que afirma que a fragmentação socioespacial “assinala para a queda da unidade social e espacial com que a cidade se apresentou durante algum tempo” (Morcuende, 2021, p. 2), sendo assim, esta tende a romper com o padrão centro periferia criando os espaços fragmentados.

Desse modo, adotamos a fragmentação socioespacial como uma das chaves analíticas para pensar cidade de Ananindeua, tal escolha está associada a observações sistemáticas na escala da cidade e suas manifestações enquanto produto dos processos de financeirização urbana e habitacional. Nesse contexto, os fragmentos se configuram como implicações espaciais que surgem a partir da produção de áreas privadas diferenciadas, interferindo no comércio, transporte, lazer e demais seguimentos urbanos, além de gerar implicações sociais através da exclusão de grupos em relação a outros.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontam a expansão de empreendimentos construídos e adquiridos mediante sistemas de crédito e financiamento que estão atrelados a uma lógica financeira global, no Brasil, o SFH (Sistema Financeiro Habitacional) e o SFI (Sistema Financeiro Imobiliário) são as bases para manutenção desse processo. Nesse contexto, a moradia enquanto condição essencial de reprodução social torna-se uma mercadoria, bem como também se vendem os elementos que compõem o habitar por meio de anúncios de empreendimentos que além de um imóvel vendem um padrão de vida. Por conseguinte, nenhum desses processos se consolidam sem o aparato do Estado, que através dos Sistemas financeiros imobiliário e habitacional e de ações locais oferecem condições para reprodução capitalista do espaço.

A exemplo, a empresa Viasul engenharia, responsável pela construção de alguns empreendimentos na Região metropolitana de Belém, destaca em seu site a possibilidade de aquisição dos imóveis de médio padrão com subsídio de programas de habitação popular, colocando em evidencia a relação entre o poder publico e privado (Figura 2).

Figura 2: Propaganda da Viasul engenharia acerca do subsidio do Programa Casa Verde e Amarela.

← → ↻ viasul.com/imovel/via_maguari/

VIASUL
ENGENHARIA

**PROGRAMA
CASA VERDE
E AMARELA**

**SIMULE O SEU SUBSÍDIO E
SAIBA COMO OBTER O
DESCONTO PELO PROGRAMA
CASA VERDE E AMARELA.**

A ViaSul é credenciada pelo Governo Federal para atuar no **Programa Casa Verde e Amarela**. Oferecemos **imóveis com descontos de até R\$ 47.500,00, com as menores taxas de juros e até 420 meses para você pagar.**

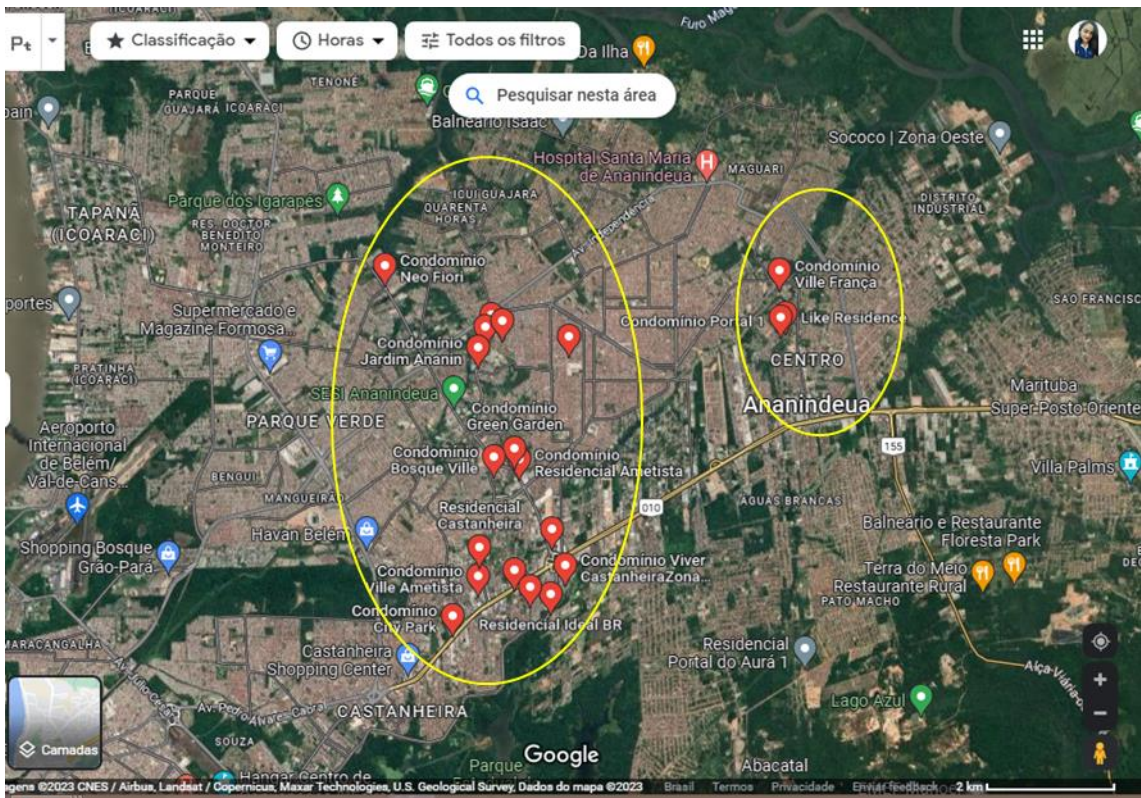
Fonte: Viasul engenharia .



O anúncio da imagem permite analisar como as empresas se amparam nos programas sociais para comercializar seus imóveis, estes por vezes são vendidos com base em discursos de facilidades que mascaram problemáticas sérias, tal como o endividamento (evidente no anúncio ao mencionar a possibilidade de parcelamento em 420 meses, que corresponde a um total de 35 anos de pagamento, sem contar com a possibilidade de imprevistos), o individualismo e o esvaziamento da vida social, que se consolida através da autosegregação que ocorre no interior dos condomínios fechados.

Por conseguinte, mesmo a espacialização imobiliária acontecendo de forma diferenciada, há uma tendência a concentração de condomínios fechados em determinados eixos da cidade. Isso ocorre graças a existência de fatores que influenciam a valorização da área e conseqüentemente, a valorização imobiliária, ao mesmo tempo, retratam a tendência do capital de avançar em direção a periferia para obter reservas de solo e amenidades, transformando o espaço através da construção de condomínios residenciais, que se tornam mercadorias para atender grupos e classes sociais específicas.

Figura 3 – Eixos de concentração de condôminos em Ananindeua



Fonte: Maps, 2023.

Esses eixos de expansão dos empreendimentos na cidade se consolidam com base em diferentes práticas espaciais (Corrêa, 1992; 2000)⁴. Essas práticas estão inicialmente atreladas a disponibilidades de fatores de comodidade locacional, e posteriormente, a reservas de solo que aguardam processos de valorização, que podem ser estimulados tanto pelas construtoras quanto pelas ações de infraestrutura promovidas pelo poder público.

Como consequência, ocorrem mudanças nos padrões espaciais que compunham o modelo centro/periferia, verificando-se uma lógica de fragmentação do espaço onde as diferentes classes sociais coexistem, mas permanecem distanciadas por elementos típicos dos condomínios de alto padrão. Esses tipos de empreendimento são, atualmente, uma das principais formas de representação entre a produção do espaço construído e a relação com o mercado financeiro, seja pela necessidade existente de financiar a sua produção, seja pela necessidade de viabilizar o seu consumo (Fix; Paulani, 2019).

Tanto na promoção de infraestrutura quanto na concessão de crédito imobiliários através de programas sociais, o Estado acaba atuando como um agente regulador desse processo, uma vez que, nenhum sistema financeiro de habitação conectado de alguma forma a finanças globais se consolida sem um aparato jurídico e sem a regulação do solo e de ativos financeiros que consolidam a casa (moradia) como mercadoria (Rolnik, 2015). Dessa forma, o Estado se torna um objeto de manutenção do Sistema capitalista (Correa, 2002) contribuindo para a construção de espaços individualizados.

As discussões apresentadas pautam, dentre outras coisas, o papel das políticas habitacionais que não cumprem adequadamente sua função, pois por vezes são submetidas ao modelo explorador capitalista que mercantiliza a moradia e dificulta o processo de aquisição da casa própria. Sobre isso, a pesquisadora Raquel Rolnik (2015), afirma que as políticas habitacionais e urbanas perdem seu caráter de promover a distribuição de riquezas e se transformam em mecanismos de extração de renda e acumulação de capital baseados na lógica do endividamento. Além disso, a mercantilização da moradia e a utilização da habitação como um ativo integrado ao mercado financeiro globalizado afetam diretamente o direito à moradia adequada (Rolnik, 2015).

⁴ Segundo Corrêa (1992; 2000, p. 36), “as práticas espaciais são as seguintes: seletividade espacial, fragmentação-remembramento espacial, antecipação espacial, marginalização espacial e reprodução da região produtora”. Segundo o autor essas práticas espaciais não são mutuamente excludentes, podendo ocorrer combinadamente ou apresentar uma caráter complementar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de financeirização impulsionado pela globalização provoca mudanças espaciais e sociais nas diferentes escalas do mundo. Nesse contexto, padrões de consumo são disseminados e se consolidam conforme as especificidades de cada local. Na cidade de Ananindeua o consumo da moradia financeirizada é impulsionado pela dinâmica metropolitana ao qual a cidade está inserida, contribuindo para a produção fragmentada do espaço.

Dessa forma, aprofundar as discussões acerca dos processos de financeirização da produção do espaço e da habitação e a fragmentação socioespacial, principalmente nas metrópoles Amazônicas, se faz necessário para compreender o desenvolvimento desses processos frente as especificidades locais. Além disso, a visibilidade que a região amazônica assume, tanto no sentido da preservação quanto contraditoriamente de sua exploração, podem impulsionar mudanças em seu contexto urbano, sendo necessário estabelecer redes de pesquisa dedicadas a acompanhar essas transformações urbano-regionais.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade. 8. ed. São Paulo: **Contexto**, 2007. (Coleção repensando a geografia).

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais**. CIDADES, v. 4, n. 62 6, 2007, p. 62-72.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Corporação, práticas espaciais e gestão do território**. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ, 1992.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. Silvana Frinze Foá (trad.). São Paulo: Xamã, 1996.

FIX, Mariana de Azevedo Barreto. **Financeirização e transformações recentes no circuito imobiliário no Brasil**. Campinas, SP: [s.n] 2011.

FIX, Mariana. PAULANI, Leda Maria. Considerações teóricas sobre a terra como puro ativo financeiro e o processo de financeirização. **Revista de Economia Política**, vol. 39, nº 4, p. 638-657, 2019.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. Magda Lopes (trad.). São Paulo: Boitempo, ed. 1, 2013.



HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

KLINK, Jeroen; DENALDI, Rosana. **On financialization and state spatial fixes in Brazil**. A geographical and historical interpretation of the housing program My House My Life. Habitat International, 2014.

KLINK, Jeroen; SOUZA, Marcos Barcellos de. Financeirização: conceitos, experiências e a relevância para o campo do planejamento urbano brasileiro. São Paulo: **Cad. Metrop.** v. 19, n. 39, pp. 379-406, maio/ago 2017.

MELAZZO, Everaldo Santos. Estratégias fundiárias e dinâmicas Imobiliárias do capital financeirizado no Brasil. Fortaleza: **Mercator**, v. 12, número especial (2), p. 29-40, set. 2013.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MORCUENDE, A. **Diferenciación y fragmentación socioespacial: la contradicción campo-ciudad como teoría y como método**. Geosp, v. 25, n. 2, e-177986, ago. 2021.

ROLNIK, Raquel. Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças/ Raquel Rolnik. Tese de Livre-Docência Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – **Universidade de São Paulo** - USP- São Paulo, 2015, 351f.

SANFELICI, Daniel. Financeirização e a produção do espaço urbano no Brasil: uma contribuição ao debate. **EURE**, v. 39, n. 118, p. 27-46, 2013.

SANTOS, Otávio Augusto Alves dos. **Segmentação, Segregação, Fragmentação**. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral/CE, v. 23, p. 455-469, dez. 2021.

SILVEIRA, Maria Laura. **Banalidade das finanças e cidadania incompleta: lugar e cotidiano na globalização**. Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 21, n. 2, p. 370-383, 2017.

SPOSITO, Eliseu Savério. Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: **Editora da UNESP**, 2004.

SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Fragmentação socioespacial. Mercator: **Fortaleza**, v.19, p. 1-13, 2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação social. 1. ed. São Paulo: **Editora Unesp**, 2013.